

O MANUAL DA BOA MOÇA: REFLEXÕES SOBRE O COMPORTAMENTO FEMININO NOS ANOS DOURADOS E NA CONTEMPORANEIDADE¹

THE GOOD GIRL MANUAL: REFLECTIONS ON FEMALE
BEHAVIOR IN THE GOLDEN AND CONTEMPORARY YEARS

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão acerca das regras de conduta impostas ao gênero feminino, tendo como foco a juventude sugerida pela palavra “moça”. Em termos metodológicos, o estudo desenvolve uma discussão histórico-cultural sobre a normatização e os papéis de gênero a partir de duas fontes: a primeira referente aos Anos Dourados na seção “De mulher para mulher”, cujos trechos foram retirados de edições do ano de 1953 da revista “O Cruzeiro”; a segunda, na associação com a contemporaneidade, consiste no vídeo “Por que mulher é vulgar?”, de autoria de Ellora Haonne e publicado no ano de 2017 no site *Youtube*. As análises têm como eixo norteador as demarcações que definem o feminino conforme as expectativas sociais, exemplificadas por meio da “boa moça” e da “mulher vulgar”.

Palavras-chave: Cultura. Gênero. Normatização.

ABSTRACT

The article proposes a reflection about the rules of conduct imposed on the feminine gender, focusing on the youth suggested by the word “girl”. In methodological terms, the study develops a historical-cultural discussion about the standardization and gender roles from two sources: the first one referring to the Golden Years in the section “From Woman to Woman”, whose excerpts were taken from issues of the year 1953 of the magazine “O Cruzeiro”; the second, in the association with the contemporaneity, consists of the video “Why is woman vulgar?”, authored by Ellora Haonne and published in the year 2017 on YouTube. The analyzes are based on the demarcations that define the feminine according to social expectations, exemplified by the “good girl” and the “vulgar woman”.

Keywords: Culture. Gender. Standardization.

¹ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017.

Janaina W. Muller

Universidade Feevale, Brasil. E-mail: janainaw@feevale.br

Saraí P. Schmidt

Universidade Feevale, Brasil. E-mail: saraischmidt@feevale.br

Introdução

Ela é uma moça exemplar. Suas roupas são discretas e seguem a moda. Não usa maquiagem em excesso, apenas o necessário para realçar sua beleza natural. A pele é protegida do sol, o cabelo é brilhante e bem penteado. Sorri timidamente e seus gestos são comedidos, tanto que os olhares que ela lança para aquele rapaz são tão sutis que ele sequer os percebe. Mas, quando o olhar é finalmente correspondido, ela enrubesce, porque é importante enrubescer nos momentos certos. Ela, com toda a candura cuidadosamente elaborada, tem uma única missão: conquistar um homem especial – seu príncipe! – e com ele se casar. Para as moças que usam decotes exuberantes, que riem alto demais, usam maquiagem forte, se dão ao desfrute, que chamam mais atenção do que deveriam... Para essas moças, só há um destino: a desgraça social. Ou seja, ficar solteira.

Na década de 1950, o texto acima poderia retratar a vida de várias moças². O bom comportamento era uma regra fundamental para a mulher que desejava ser um bom partido, e numa época em que o casamento era a essência do bem-estar, as moças eram compelidas a alimentar tal desejo. As décadas se passaram e transformações aconteceram na forma de representar o feminino, no entanto, certas expectativas permaneceram estabilizadas, permeadas pela tendência em rotular o indivíduo a partir de alguns preceitos, tais como: o comportamento designado como *adequado*, o vestuário, a maquiagem, os desejos e o modo como esses desejos são expressos, entre outras questões. Por isso, a fim de problematizar as determinações que marcam as interpretações do coletivo acerca da mulher, o presente artigo objetiva analisar textos provenientes de edições da revista “O Cruzeiro”³ publicadas em 1953⁴, com foco na seção “De mulher para mulher”⁵, que tinha como público-alvo as mulheres, e entrelaçar tal análise com o vídeo de Ellora Haonne⁶, intitulado “Por que mulher é vulgar?”⁷ e publicado em 2017 na plataforma *Youtube*⁸. Baseando-se no processo de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011), busca-se demonstrar a continuidade dos olhares

2 Não há aqui uma definição pontual de idade. Ao citar as “moças”, tem-se referência a imagem de uma jovem mulher.

3 “O Cruzeiro”, revista brasileira lançada no Rio de Janeiro, teve sua primeira edição no dia 10 de novembro de 1928 e a última em julho de 1975. Informação disponível em <<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>> Acesso em 30 abr. 2017.

4 O ano em questão foi escolhido por conta da disponibilidade e estado físico do material. A pesquisa aconteceu no espaço da Biblioteca Paulo Sérgio Gusmão, localizado no Campus II da Universidade Feevale – Novo Hamburgo, RS.

5 Seção da “O Cruzeiro” que trabalhava por meio de cartas de leitoras que eram selecionadas, servindo de base para a publicação de textos nos quais eram inseridos conselhos, opiniões ou respostas para dúvidas.

6 Ellora Haonne tem 19 anos e reside em São Paulo. Possui um canal no *Youtube*, no qual publica semanalmente vídeos tratando dos mais diversos conteúdos.

7 Vídeo publicado por Ellora Haonne no dia 27 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lj1pc_jvj4c> Acesso em: 28 abr. 2017.

8 O *Youtube* é uma plataforma que permite a publicação e compartilhamento de vídeos.

estabilizados do feminino ao não tratar a conjuntura da mulher dos Anos Dourados⁹ e da mulher da contemporaneidade como cenários isolados e sem quaisquer conexões.

No processo metodológico, a primeira etapa apoiou-se numa leitura inicial das edições de 1953 da revista “O Cruzeiro”, com enfoque nos textos provenientes da coluna “De Mulher para Mulher”. Essa seção foi escolhida por conta da temática das publicações, nas quais predominava uma escrita mais direta, como se houvesse a intenção de conversar intimamente com a leitora ao conceder conselhos e respostas que expunham comportamentos e atitudes requeridas pela sociedade da época. Os textos selecionados na primeira leitura foram aqueles que se direcionavam especialmente para as mulheres mais jovens, orientando-as sobre a conduta apropriada, métodos para conquistar rapazes e como comportar-se diante deles, de maneira a garantir um relacionamento.

Seguindo a ideia de exaustividade de Bardin (2011), os textos selecionados foram lidos novamente, e aqueles que evidenciavam o que seria um *comportamento correto* de modo mais pontual foram registrados para análise posterior. No desenvolvimento desse procedimento, identificou-se uma conexão com o vídeo da *youtuber*¹⁰ Ellora Haonne, que destacou-se justamente por relacionar-se como temática tratada pela seção da revista investigada ao questionar as diretrizes comportamentais que distinguiriam a *mulher vulgar* da *boa moça*. Nessa relação, o conteúdo elaborado por Ellora foi observado, salientando os meios escolhidos por ela para investigar a suposta “vulgaridade” e que se embasavam, principalmente, em pesquisas num site de busca¹¹. Para o presente artigo, com o propósito de analisar os rótulos atribuídos ao feminino na contemporaneidade, o procedimento de pesquisa da *youtuber* foi reproduzido: as expressões “mulheres vulgares”, “homens vulgares” e “sexy sem ser vulgar” foram digitados no campo de busca. Levando em conta Bardin (2011) e concentrando-se na expressão “sexy sem ser vulgar”, os resultados foram averiguados em maiores detalhes e, então, organizados num quadro. Na discussão das informações trabalhadas nos sites elencados, tem-se um entrelaçamento entre a seção “De Mulher para Mulher” e a fala de Ellora Haonne, promovendo uma associação entre a moça dos Anos Dourados e a jovem mulher do século XXI, que continua a lidar diariamente com as imposições normativas que instituem quem ela deve ser.

O desabrochar das moças dos anos dourados

Na juventude da década de 50, era fundamental que a moça aparentasse recato, pureza e doçura, tudo para construir a imagem certa para os outros. Também deveria ser prendada, principalmente caso ela não estivesse inserida nos padrões normativos

⁹ Alcinha atribuída à década de 1950.

¹⁰ *Youtuber* é uma expressão refere ao sujeito que produz vídeos para o *Youtube*.

¹¹ O site escolhido foi o *Google Search* (www.google.com.br), um serviço da multinacional norte-americana *Google* que permite a realização de buscas de sites, documentos, imagens, vídeos, etc., a respeito de qualquer assunto.

de beleza predominantes da época – na exibição de habilidades mais práticas, como a costura e a culinária, ela poderia compensar pela ausência de graça. Numa perspectiva geral, as moças eram vistas como frágeis flores que deveriam ser protegidas da rudeza e dos toques mal-intencionados, pois somente dessa forma poderiam desabrochar: “as primeiras desabrochavam em bailes de debutantes. Deviam ser colhidas na hora certa por homens considerados bons partidos. [...] Segundo a imprensa, uma ‘pequena’ encantadora teria chances de encontrar o príncipe encantado.” (SANT’ANNA, 2012: 112). As meninas-brotos manifestavam seu encanto na boa conduta, no porte, nas maneiras de falar e agir em público. E, como em sua fragilidade e inexperiência elas eram mais propensas ao desvio moral, necessitavam de vigilância redobrada para que se assegurasse o respeito às regras. No cumprimento das diretrizes, elas seriam julgadas como moças de família – aquelas que, conforme as expectativas sociais, possuíam as melhores chances de conseguir um bom casamento.

As diretrizes eram severas para as jovens mulheres, e tinham como propósito delinear um confinamento (BOURDIEU, 2002) que delimitava o espaço de ação. Ao determinar como, exatamente, elas deveriam mostrar-se ao corpo social e o que deveriam ambicionar, regularizava-se um modo específico de conduta, e aquelas que se desviavam do que fora instituído eram renegadas pela sociedade. Na constante reiteração da regulação, percebe-se que a visão estabilizada que se estruturou acerca das moças dos Anos Douradores está associada a um contexto, tornando-se “[...] uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.” (BUTLER, 2001: 155). Para expor as meninas como “viáveis” para a interpretação coletiva, havia ferramentas que reforçavam o que era adequado, e nisso, ressalta-se as revistas como “O Cruzeiro”. As publicações tinham influência na vida das mulheres, atuando “como conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer [...]”. (BASSANEZI, 2001: 609).

Em sua seção “De mulher para a mulher”, “O Cruzeiro” demarcava o que as moças deveriam e o que não deveriam ser, contudo, cabe esclarecer que, apesar da relevância das publicações, não era a revista aqui analisada ou outras que estavam disponíveis no mercado as responsáveis por determinar a polaridade entre os gêneros, ou o comportamento e visual das jovens. Afastando-se da concepção da mídia enquanto uma força antagonista, aponta-se que publicações como “O Cruzeiro” expressavam a normatização que já existia na sociedade – uma normatização que estabelecia tratamentos e julgamentos para as desviantes. Afinal, como era escandaloso quando a vizinhança descobria que aquela mocinha, sempre tão bela e comportada, havia se deixado levar pelas tentações e se permitido intimidades com um rapaz. Tal acontecimento rendia penalidades não apenas para a moça, mas também para sua família, que acabava alvo de comentários por não ter criado em sua casa um ambiente de moralidade. A jovem desonrada e com a reputação “manchada” poderia perder suas amigas, uma vez que as mulheres não deixariam que suas preciosas flores em botão permanecessem na companhia de uma garota leviana. E, certamente, as chances de um bom casamento estavam arruinadas. Quem iria casar-se com uma menina vulgar, que tão facilmente desrespeitara os preceitos morais?

Essa situação hipotética tem como intenção expressar o valor inestimável que a castidade tinha na vida de uma jovem. Além da beleza e da simpatia, era a inocência e a ingenuidade que precisavam ser cultivadas e protegidas, pois resistir aos impulsos da carne era uma exigência. Ao contrário dos homens, cujas relações sexuais “[...] com várias mulheres não só eram permitidas, como frequentemente incentivadas.” (BASSANEZI, 2001: 613), as meninas tinham em sua virgindade um tesouro a ser preservado, visto que a pureza era um requisito básico para o bom casamento. Dar-se ao respeito era um fator inserido no conjunto de regras que designavam o que as moças poderiam ou não fazer, sendo que elas

Precisavam ser cândidas e obedientes diante do ideal da esposa fiel. Como um ‘anjo da família’, dela se esperava uma força inabalável, emoldurada por uma graça irresistível. Robustez do espírito e graça corporal. Esse ideal feminino legitimava a autoridade masculina, justificava a restrição da vida pública às mulheres e, igualmente, seus ímpetos sexuais. (SANT’ANNA, 2012: 110).

A pureza foi reiterada em “De Mulher para Mulher”, como é possível observar no fragmento do texto denominado como “Castidade”¹². Nele, discorre-se sobre a constante associação que a castidade tem com aquilo que não deve ser feito, e da necessidade de um reforço positivo da importância da virgindade para a juventude,

Estão certos de que o sacrifício que fizerem antes do casamento será perfeitamente compensado com a tranquilidade de espírito que desfrutará e a compreensão feliz que gozarão depois. Manter uma linha de conduta irreprovável antes do casamento, para noivos que de ame, não é fácil. Poucas, porém, são as coisas boas que nos advém com facilidade. (Maria Teresa, 1953: 94).

Verifica-se no texto acima que a palavra “sacrifício” e expressões como “linha de conduta irreprovável” reforçam a concepção da virgindade enquanto resistência às tentações da carne, e como um elemento essencial para o bom comportamento. Proteger a castidade não era somente um dever da família e da sociedade, era, principalmente, uma obrigação da própria moça, que poderia pôr em prática todos os aprendizados de boa conduta ao rechaçar as investidas de um rapaz. Se ela desrespeitasse as regras e cedesse, sua condição de desonra deveria ser ocultada a qualquer custo, já que “eram raros os homens que admitiam sem problemas a ideia de se casarem com uma moça *deflorada por outro*.” (BASSANEZI, 2001: 613, grifo da autora). Para o homem era incentivada a prática sexual e a conquista de suas paixões, pois,

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quididade do *vir*, *virtus*, questão de honra (*nif*), princípio da

¹² O texto intitulado como “Castidade” pertence à revista “O Cruzeiro”, 30 de janeiro de 1953, p. 94.

conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progeneritura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (BOURDIEU, 2002: 20, grifo do autor).

De acordo com Butler (2010), essas diferenças, aqui exemplificadas pela prática sexual feminina e masculina na década de 50, estão associadas às categorias de gênero, que sustentam a normatividade e a partir da qual se organiza uma hierarquia que fixa a interpretação do homem e da mulher, cada qual assumindo papéis e valores específicos para seus gêneros. Nesse caso, ela era obrigada a reprimir sua sexualidade, sacrificando-se em prol da inocência e da boa conduta, e mantendo-se em conformidade com a hierarquia culturalmente construída. Somente assim essa jovem teria acesso ao título de *boa moça* em contrapartida ao *moça vulgar*, referindo-se as palavras de Priore (2011: 165), “[...] as que se comportavam como ‘moças de família’, não usando roupas sensuais, evitando ficar a sós no escuro, saindo só na companhia de um ‘segurador de vela’, estas tinham mais chance de fazer um bom casamento.”

Os rapazes eram viris e tinham a possibilidade de demonstrar o interesse sexual em uma jovem. Por outro lado, as moças, tendo o vínculo com a castidade definido como regra, eram vinculadas ao amor romântico, ao sonho e ao devaneio. No próximo texto, intitulado como “Amar sem ser amada”¹³, é apresentado para as leitoras um amor que é idealizado, mas não é correspondido, o que acarreta sofrimento para aquelas que se deixam levar pelos suspiros de um romance que não pode ser concretizado,

Muitas mocinhas deixam-se apaixonar por certos rapazes que chegam a ignorar que elas existem e, o que é pior, muitas vezes já não gostam de outras ou são mesmo noivos. E então me escrevem: “Que fazer”? E lógico que não lhes posso dizer que alimentem as esperanças, nem tampouco aconselhá-las a que vão ao rapaz, declarem-lhe o seu amor, tirem-no da namorada ou da noiva. Isto seria completamente desarrazoado. Mocinhas nessas circunstâncias nada mais têm a fazer senão procurar distrair o espírito esse amor romântico. Precisam ser práticas. Ninguém mais pode viver de sonho. Suspiros abafados, soluços magoados, nada disso resolve. O que vale é lutar contra essa fantasia doentia. Vencer-se a si mesma. Sair, distrair-se, procurar estar em rodas de rapazes e moças. “Aquele” por quem ela está apaixonada não é o único. Quem sabe quando tivesse convivência com ele não iria ficar inteiramente desiludida? Amar não é só olhar, sorrir e sonhar de olhos abertos. Isso tudo é coisa que passa com o tempo. Amar é encontrar afinidade de temperamentos, reciprocidade de afeição. (Maria Teresa, 1953:111).

¹³ O texto intitulado como “Amar sem ser amada?” pertence à revista “O Cruzeiro”, 21 de fevereiro de 1953, p. 111.

Primeiramente, o texto traz a afirmação de que são “muitas mocinhas” que passam pela situação do amor não correspondido, ambicionando rapazes que sequer se deram conta da existência delas. Já se observa nisso a reiteração da imagem romântica da jovem mulher, que, se não tinha um relacionamento em curso, deveria ao menos sonhar com um rapaz. Entretanto, não deveria sonhar *demais*, pois isso a desviaria dos outros rapazes que a cercavam – e entre os quais poderia estar aquele que retribuiria sua atenção e viabilizaria um namoro. Nas palavras de Bassanezi (2001:618, grifo da autora), “*as mulheres vivem para o amor*. Romantismo e sensibilidade eram, nos Anos Dourados, características tidas como especialmente femininas [...]”. Portanto, para controlar a característica naturalizada que era o ideal romântico, o conselho providenciado pela seção “De Mulher para Mulher” é: ser prática e priorizar os envolvimento possíveis, e não aqueles baseados somente nos sentimentos. Ainda se ressalta a alegação de que o rapaz alvo do amor platônico “não é o único”, o que permite a seguinte reflexão: a moça deveria equilibrar a praticidade de notar os rapazes disponíveis e considerá-los enquanto opção para um futuro namoro, ao mesmo tempo em que deveria executar tais percepções com extrema cautela, a fim de não passar uma impressão inadequada de disponibilidade excessiva. Novamente, tem-se a importância do olhar e interpretação do outro, que delimitava cada passo e ação dessa jovem. Conforme Bourdieu (2002: 82, grifos do autor),

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objeto simbólico, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*) que tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. [...]. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser.

Assim, diante de todas as proibições e recomendações, as jovens tinham de arranjar artifícios para conquistar a atenção do rapaz. O flerte, com olhares tímidos e gestos sedutores, precisava ser exercido com cuidado, sem evidenciar demais uma sensualidade que poderia prejudicar a reputação. Bassanezi (2001: 614) cita um trecho da revista “O Cruzeiro” (13 jul. 1957): “muitas moças precisam compreender que o que se oferece não tem valor.”, levando em conta que a jovem jamais deveria deixar completamente explícito seu interesse, e, em hipótese alguma, tomara iniciativa. Outro fator importante eram as roupas, que não poderiam ser curtas ou extravagantes. E, ao conversar com o rapaz, ela tinha de elogiá-lo e mostrar-se interessada nos interesses dele, tendo em mente a necessidade de “manter a linha” (SANT’ANNA, 2012). As mais

falantes, que faziam piadas, vestiam-se de maneira diferente, gargalhavam ou tinham vários admiradores não eram avaliadas como boa companhia ou bom partido.

Vulgaridade e conduta no contemporâneo

Passam-se as décadas, muda-se o século. E, na contemporaneidade, verifica-se a permanência de um cenário no qual se apontam certas correspondências com os Anos Dourados. Ainda temos uma moça. Ela está vestida para impressionar, mesclando recato e atrevimento com equilíbrio. Não quer parecer uma qualquer e também não quer dar a impressão de ser inexperiente. A maquiagem não está chamativa e realça com esmero a beleza natural. Unhas pintadas, cílios postiços, pele hidratada. E lá está ele, seu escolhido. O homem que, se tudo der certo, lhe tornará possível mudar o *status* na rede social de “solteira” para “namorando”. Ela olha para ele com discrição. Não quer ser fácil, ou difícil demais. Ajeita o cabelo e o observa novamente, tendo o cuidado de manter o contato visual por tempo específico. Então, desconcentra-se por um momento: uma amiga ao seu lado está rindo alto, balançando um copo transbordando de cerveja enquanto dança descalça. *Que vulgar*, ela pensa. Desse jeito, essa sua amiga continuará solteira para sempre. Diferente dela, a moça não gargalha e segura uma taça com uma bebida de nome estrangeiro. Seu salto mantém a postura elegante. Suas redes sociais trazem imagens bem escolhidas, que transmitem exatamente o que ela quer ser. Está tudo perfeito. E lá está ele, o escolhido, correspondendo ao olhar. Eles sorriem um para o outro. Ele havia beijado outras naquela noite, mas não importava. No final da história, ele será dela... Porque ela é esse tipo de garota. Uma garota para namorar.

A moça bem comportada, bonita e discreta; alguém que é digna para se investir num relacionamento duradouro. Em contrapartida, uma jovem que prefere não reprimir sua sexualidade, bebe, fala impropérios e não se importa em abordar a pessoa que lhe interessa, é considerada perigosa demais para algo mais sério. Esse tipo de menina é mais adequado para situações casuais, sem futuro. Mas, quem decide o que uma mulher é, ou o que ela não é? Para aquilo que ela é ou não mais adequada? A sociedade fez as regras. E, de fato, apesar das transformações, ainda se percebe na interpretação do coletivo a poderosa presença da normatização, que define o comportamento mais acertado para a juventude feminina a partir de regras de conduta capazes de instituir identidades e excluir sujeitos. É da influência e dos efeitos dessas diretrizes que a *youtuber* Ellora trata em suas produções, particularmente, no vídeo “Por que mulher é vulgar”.

Ellora Haonne tem 924 mil¹⁴ inscritos, que escolheram acompanhar regularmente seu canal no *Youtube*. Com 166¹⁵ vídeos publicados, os assuntos tratados são variados, incluindo masturbação, música, aceitação do corpo, maquiagem,

14 Número registrado no dia 4 de junho de 2018.

15 Número registrado no dia 4 de junho de 2018.

cotidiano e relacionamentos. Sua fala é baseada em experiências pessoais e ela se comunica com seus inscritos de maneira casual, como se todos estivessem numa roda de bar, conversando como velhos conhecidos. Cabe esclarecer que Ellora, de acordo com o que ela mesma revela em seu canal, sofreu com a bulimia¹⁶ no período da adolescência, e passou por um processo gradual de reconhecimento do próprio corpo para conseguir desvincular-se do transtorno. Por isso, ao questionar os parâmetros que definem não apenas o comportamento, mas também a aparência feminina, a jovem *youtuber* argumenta com a segurança e a consciência de quem teve inscrito violentamente no próprio corpo os efeitos da normatividade. Para o presente texto, entre o conteúdo disponibilizado por Ellora, escolheu-se o vídeo “Porque mulher é vulgar?” devido à precisão e didática na investigação das diretrizes que separam as mulheres entre *boas moças* e *vulgares*. Além do mais, sublinha-se as significações provenientes de uma busca simples pela internet, no sentido de que não houve escolhas específicas acerca dos resultados que surgiram a partir das palavras procuradas – a ação fundamentou-se em elencar os dez primeiros resultados que surgiram na página.

Para organizar seu vídeo, Ellora conta que foi estimulada a conversar sobre esse assunto por conta de uma situação que vivenciou: ela publicou numa rede social um vídeo no qual aparecia dançando *funk* com uma amiga, e alguém lhe enviou um comentário em que alegava que tinha mais apreço por Ellora quando ela não era vulgar. Nisso, ela começou a problematizar o comentário, refletindo sobre o significado e implicações da palavra “vulgar”, e, com base em suas conclusões, organizou o conteúdo que resultou no vídeo. Primeiramente, a *youtuber* afirma que, segundo o dicionário, “vulgar” tem seu uso aplicável em ambos os gêneros. Contudo, nas dinâmicas sociais, “vulgar” tende a ser aplicado tanto para mulheres quanto para homens? Qual a diferença entre uma mulher vulgar e um homem vulgar? Ellora fez uma pesquisa virtual para ampliar a compreensão da utilização do termo. Ao colocar “mulheres vulgares” no campo de busca, aparecem jovens em roupas e poses provocantes, ao passo em que os “homens vulgares” resultam em citações de pensadores e teóricos. Por fim, ela afirma que o comportamento que é cobrado socialmente das mulheres é muito mais rígido quando comparado ao que é cobrado dos homens.

Atualmente, há o questionamento do papel masculino e do feminino, em virtude, principalmente, dos estudos relacionados a gênero e do fortalecimento do movimento feminista. Por muito tempo a mulher foi um sujeito silenciado e, para mudar tal conjuntura, estruturou-se uma longa jornada constituída por mudanças graduais: desde a década de 60, com os movimentos libertários, nos quais “[...] as mulheres que deles participavam perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham nestes movimentos um papel secundário.” (GROSSI, 2012: 2), passando pelo processo de redemocratização na década de 1980, quando “[...] o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade [...]” (PINTO, 2010: 17), e

¹⁶ Transtorno alimentar que envolve a compulsão pela comida seguida pela culpa e adoção de métodos extremos para diminuir o peso, como o vômito.

chegando até o Contemporâneo, período no qual uma jovem tem a oportunidade de falar sobre assuntos íntimos de maneira explícita e compartilhar suas palavras com o mundo.

Entretanto, as conquistas não equivalem ao fim da normatização. Na verdade, o fato de uma jovem mulher sentir a necessidade de questionar o comportamento tido como vulgar e, por meio dele, a diferença entre os gêneros, demonstra que aquela mocinha recatada, virtuosa e delicada dos Anos Dourados ainda permeia as expectativas sociais. Afinal, os sentidos atribuídos na década de 1950 eram resultado da posição e do discurso dominante e, segundo Scott (1995: 87), “a posição que emerge como dominante é, contudo, declarada a única possível. A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito.”. Então, essa é uma posição dominante que não desapareceu com a ascensão do feminismo, continuando, para muitos, como um consenso social que motiva a reprovação de comportamentos desviantes da normatização. Em seu vídeo, Ellora parte da polaridade estabelecida entre homens e mulheres através das apropriações da sociedade no que tange as diferenças entre os gêneros; a “posição dominante” aqui citada é referente ao discurso que relegou o feminino a uma posição de subordinação. De acordo com Bourdieu (2002: 18),

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos [...].

A conduta exigida de cada gênero é uma construção social, sendo que, nas palavras de Grossi (2012:6), “papel é aqui entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é conectado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero.”. O que configura o bom comportamento de uma mulher lhe é imputado num papel que ela deverá representar caso queira ser aceita na sociedade. Por isso, nota-se: atualmente, não é assombroso que uma jovem não esteja comprometida, todavia, é alvo de questionamentos a falta de um namorado, assim como é questionado a escolha por relacionamentos homoafetivos ou abertos¹⁷. Também é exigido que ela seja confiante e tenha autoestima, mas o padrão de beleza estabelece como deve ser seu corpo e como ela deve expô-lo ao mundo¹⁸. E, enfim, tópicos associados à sexualidade¹⁹, saúde

17 Assunto debatido por Ellora no vídeo “Amor Livre e Poliamor”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZLyxZx65rcw>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

18 Assunto debatido por Ellora no vídeo “Um corpo é um corpo // ft. Indignação. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FidWzSpruCG>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

19 Assunto debatido por Ellora no vídeo “Como tocar siririca” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uOf2_t34GwQ>. Acesso em: 25 jun. 2017.

íntima²⁰ e menstruação²¹ são continuamente censurados ou tratados com excessiva cautela.

Posto isto, e com o propósito de discutir o processo de construção relacionado às normas de conduta exigidas do gênero feminino, tem-se os elementos propostos pela autora Joan Scott (1995). Segundo ela, para alcançar uma compreensão mais abrangente da noção de gênero, torna-se fundamental abordar o entrelaçamento entre os símbolos culturais, os conceitos normativos, a fixidez e a identidade subjetiva. Para tanto, cada um dos quatro tópicos elencados será analisado mediante o olhar trazido por Ellora, baseando-se na discussão sobre a interpretação e significação da vulgaridade feminina e considerando o que foi trabalhado no conteúdo trazido pela revista “O Cruzeiro”.

Inicialmente têm-se os símbolos culturais, que, associados às representações múltiplas, estão constantemente em desacordo (SCOTT, 1995). Nesse caso, estão os atributos da *boa moça* que foram destacados pela seção “De Mulher para Mulher” (virgindade, pudor, discrição) e que, por sua vez, foram reiterados na contemporaneidade com o contraponto expresso pela vulgaridade. A *boa moça*, portanto, refere-se ao comportamento esperado de uma mulher, que deve evidenciar determinadas características para ser positivada pelo coletivo. Já a vulgaridade diz respeito à mulher liberal, que tem comportamento desviante e receberia atenção masculina por motivos equivocados. Essas representações foram projetadas por intermédio da predominância do discurso patriarcal, tomando como exemplo o discurso religioso: há o estabelecimento de um modelo a ser seguido e que é delimitado pela figura da Virgem Maria, em oposição ao modelo a ser repudiado e que é vinculado a mulheres como Eva²² e Jezebel²³.

Nos padrões que são estabilizados e reproduzidos têm-se os conceitos normativos, os quais limitam as atribuições de sentido aos símbolos através da doutrinação, seja ela religiosa, científica, jurídica ou educativa. O expoente destes conceitos está no processo de naturalização, que coloca como “inatas” certas marcas para o feminino e o masculino, ao invés de compreendê-las como construções culturais. Em terceiro está a fixidez, que traz a permanência da polaridade na representação dos gêneros, como se masculino e feminino fossem eternos adversários. E, por fim, tem-se a identidade subjetiva, que consolida e legitima as relações de poder entre os

20 Assunto debatido por Ellora no vídeo “Cuidados com a PPK ft. BRIOCO”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HWprI84tgT4>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

21 Assunto debatido por Ellora no vídeo “Menstruação”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ElmOcl-4kJ4>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

22 De acordo com o Gênesis, Eva teria sido a primeira mulher criada por Deus, feita a partir da costela de Adão, o primeiro homem. O casal viveu num paraíso terreno chamado de Jardim do Éden, no entanto, eles foram expulsos após Eva ceder a tentação representada pela serpente, que teria convencido-a a provar de um fruto proibido. A mulher, por sua vez, impeliu Adão a cometer o mesmo pecado, por isso, é atribuída à Eva a culpa pelo pecado original.

23 Jezebel aparece na tradição bíblica como uma princesa fenícia sedutora, de personalidade forte e dominadora. Em seu culto a deuses fenícios, teria lutado contra Deus e perseguido aqueles que nele acreditavam. Popularmente, associa-se a alcunha de “jezebel” a aquela mulher que não tem escrúpulos e que se utiliza da sensualidade para alcançar seus objetivos.

gêneros. Aqui, quando se classifica uma jovem como inocente ou lasciva, coloca-se ela num lugar de subordinação, uma vez que essa classificação limita suas opções, personalidade e comportamentos. A identidade que é imposta à mulher reforça a hegemonia do masculino e,

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente, partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (BOURDIEU, 2002: 45).

O conteúdo do vídeo de Ellora é, então, resultado de algo que está estabelecido na sociedade e que, apesar das modificações nas dinâmicas sociais e representações dos papéis do feminino e do masculino, continuam atuantes nas formas de se interpretar o mundo e significar a realidade. Percebe-se também que a repetição da conduta de uma “mulher ideal” (a *boa moça*, aquela que não é vulgar) manifesta-se em outras fontes. Por exemplo, em seu vídeo, Ellora utiliza a frase “ser sexy sem ser vulgar” e procura por resultados no site de busca – lembrando que, como foi justificado anteriormente, para este estudo foi efetuada a mesma pesquisa, na qual se apontaram os resultados advindos da primeira página e que foram especificados no quadro abaixo.

Quadro 1: Conteúdo da busca “ser sexy sem ser vulgar”

	Título	Tipo/Conteúdo	Site
1.	<i>Aprenda 10 dicas para ser sensual sem ser vulgar</i>	Dicas. Uma personal stylist traz exemplos de visuais usados por celebridades para “ficar poderosa e feminina”. Destaca que todas as mulheres têm o desejo de provocar suspiros por onde passam.	http://caras.uol.com.br/fashion/aprenda-10-dicas-para-ser-sensual-sem-ser-vulgar#.WVD3G5Lyt8
2.	<i>11 dicas para ser sexy sem ser vulgar</i>	Dicas. Após afirmar que chamar a atenção pela sensualidade é um desejo básico do gênero feminino, traz dicas de vestuário.	http://www.portalsbo.com/11-dicas-para-ser-sexy-sem-ser-vulgar/
3.	<i>Sexy sem ser vulgar: para ir do sexy ao vulgar, um pequeno descuido pode ser fatal</i>	Conselhos. Em forma de texto corrido, traz conselhos referentes à aparência física e ao comportamento, com foco naquilo que é necessário para conquistar um homem.	https://www.dicasdemulher.com.br/sexy-sem-ser-vulgar/
4.	<i>5 dicas para ser sexy sem perder a elegância!</i>	Dicas. A partir de visuais de celebridades, salienta a maneira “errada” e “certa” na utilização de peças de vestuário e acessórios. Destaca em diversos tópicos a importância de admirar a aparência de uma mulher.	http://superela.com/2014/03/14/5-dicas-para-ser-sexy-sem-perder-elegancia/

	Título	Tipo/Conteúdo	Site
5.	<i>Aprenda 5 dicas para ser sexy sem ser vulgar</i>	Dicas. Abordando aspectos de comportamento e aparência, fornece dicas variadas, salientando a importância de conquistar a atenção do homem e seduzi-lo corretamente.	https://fortissima.com.br/2014/12/18/ser-sexy-sem-ser-vulgar-59790/
6.	<i>5 erros e acertos como ser sexy sem ser vulgar</i>	Dicas. Expõe imagens de celebridades e classifica entre “certo” e “errado” a utilização de peças de vestuário. Afirma que a mulher brasileira é naturalmente sensual e que deve haver o cuidado para não chamar a atenção por motivos equivocados.	http://elizamontes.com.br/papo-de-personal/como-usar/111-5-erros-e-acertos-como-ser-sexy-sem-ser-vulgar.html
7.	<i>Moda feminina: sexy sim! Piriguete não!</i>	Dicas. Oferece dicas de vestuário com o objetivo de esclarecer no que consiste a sensualidade, e evitar que a mulher se torne uma “piriguete”. Alega que a maioria das mulheres (principalmente as solteiras) desejam atenção e elogios.	http://sossolteiros.bol.uol.com.br/moda-feminina-sexy-sim-piriguete-nao/
8.	<i>Looks das famosas: sexy sem ser vulgar, é possível?</i>	Dicas. Dá dicas de vestuário, uma vez que as celebridades voltaram a exibir um estilo mais “sexy”, tornando-o tendência.	http://capricho.abril.com.br/moda/looks-das-famosas-sexy-sem-ser-vulgar-e-possivel/
9.	<i>Como ser sensual sem ser vulgar</i>	Dicas. Com imagens de celebridades, classifica as roupas entre “sexy” e “vulgar”.	http://seligamulher.xpg.uol.com.br/como-ser-sensual-sem-ser-vulgar/
10.	<i>Ela sabe ser sexy</i>	Música. Produção da dupla de sertanejo universitário Bruninho & Davi. Fala de uma mulher que, por seu comportamento e aparência ideais, chama a atenção e é desejada pelos homens.	https://www.vagalume.com.br/bruninho-e-davi/sexy-sem-ser-vulgar.html

Fonte: MÜLLER, Janaina Wazlawick (2017).

Dos dez resultados, foram contabilizados nove sites que fornecem dicas e conselhos para que, por meio de roupas e comportamento, se alcance o objetivo de permanecer elegante e distanciar-se da vulgaridade – um conteúdo no qual se percebeu semelhanças com a premissa da coluna “De Mulher para Mulher”, cuja intenção também era fornecer conselhos e orientar comportamentos e aparências. As matérias 7, 8 e 9 têm enfoque na moda (tecidos e proporção do vestuário), porém, a matéria na posição 7 (“Moda feminina: sexy sim! Piriguete não!”) integra o tom esboçado pelos demais textos, nos quais é realçado o suposto desejo feminino de ser observada e despertar a atenção dos homens.

Entre os resultados encontrados, na décima posição está a música intitulada “Ela sabe ser sexy”²⁴, da qual extraiu-se o seguinte trecho: “Ela sabe ser sexy sem ser vulgar/ Rapaziada toda querendo pegar /Arrasa no estilo sem exagerar/ Toda top, sensual, de um jeito particular.”. Como no caso das dicas, observa-se na letra da música

²⁴ Música da dupla sertaneja formada por Bruno Alessandro da Silva Cerri e Davi Garcia de Ávila Filho. Popularmente conhecida como Bruninho & Davi, a dupla está em atividade desde o ano de 2009, sendo que a música “Ela sabe ser sexy” foi lançada em 2014. Maiores informações estão disponíveis em: <http://www.bruninhoedavi.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2018.

a indicação do que a mulher deve, ou não, fazer para que não seja classificada como “vulgar” e, a partir disso, conquistar o desejo masculino de forma adequada. No caso das músicas que contêm dicas ou conselhos, o público-alvo é o feminino, enquanto que a música o público-alvo não é pontual, uma vez que tem como foco os sujeitos que tem preferência pelo sertanejo universitário²⁵. Isto é, não há uma especificação de gênero. Todavia, o conteúdo da canção descreve uma mulher em especial: aquela que consegue maquiarse, vestir-se e comportar-se com uma sensualidade controlada pela normatividade e, nisso, torna-se alguém que é “apropriada” segundo as conclusões do coletivo – que é representado na música pelo masculino, cuja atenção deve ser conquistada. Deste modo, evidencia-se outra conexão com o material pertencente à contemporaneidade e discutido por Ellora, e aquilo que foi trabalhado na revista “O Cruzeiro”: a mulher deve ter como objetivo essencial conquistar um homem, direcionando a este propósito os mais diversos detalhes de sua existência, desde roupas e maquiagem, até comportamento. Assim, a *mulher vulgar* e a *boa moça* consolidam-se como rótulos assinalados por regras que compõem um “Manual da Boa Moça”. Relacionando-se a isso, Grossi (2012) cita o psicólogo Robert Stoller²⁶ e traz a informação de que,

Todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. [...] Este núcleo de nossa identidade de gênero se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê como menina ou menino. Isto se dá no momento de nascer ou mesmo antes, com as novas tecnologias de detectar o sexo do bebê, quando se atribui um nome à criança e esta passa a ser tratada imediatamente como menino ou menina. A partir deste assinalamento de sexo, socialmente se esperarão da criança comportamentos condizentes a ele. (STOLLER, 1978, apud GROSSI, 2012: 8).

Ellora Haonne discute a rotulação da mulher por meio da alcunha de “vulgar”, alegando que não se identifica com nenhuma palavra que menospreze o gênero feminino. E acrescenta: sempre que a vulgaridade é atribuída à mulher, ocorre a reafirmação de estereótipos e pré-conceitos. De fato, a vulgaridade é uma expressão que, além de denegrir, reafirma um longo processo de construção histórico-cultural que instituiu quem a mulher deveria ser. De maneira semelhante, a designação de *boa moça* também traz uma definição que é pautada no recato, na fala comedida e na atenção masculina obtida com discrição. Ambas as alcunhas acabam delimitando o espaço de ação do feminino, descartando a multiplicidade de gênero e impelindo

25 Estilo musical que teve início na região de Goiânia – Goiás. Trata-se de uma mescla entre sertanejo e arrocha.

26 Robert Stoller (1924-1991) foi um professor de psiquiatria na *UCLA Medial School*. Destaca-se sua obra intitulada como *Sex and Gender*, lançada em 1968, na qual ele utiliza o termo gênero de maneira a diferenciá-lo do uso do termo “sexo”.

uma identidade. Porém, cabe esclarecer que na afirmação da permanência da normatividade, discutida na análise das inscrições de *boa moça* e *mulher vulgar*, não há intenção de minimizar as conquistas do gênero feminino. Inclusive, sublinha-se que a existência da normatização não significa “[...] que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas.” (BASSANEZI, 2001: 608). A própria Ellora é um exemplo da liberdade de expressão adquirida e do acesso abrangente às informações; numa última e essencial reflexão, aponta-se o significado do que foi trazido por Ellora e que se conecta as considerações de Butler (2001), segundo a qual as indagações sobre as estabilizações e subversões do gênero feminino constituem uma tarefa, que

[...] consistirá em considerar essa ameaça e perturbação não como um questionamento permanente das normas sociais [...], mas, ao invés disso, como um recurso crítico na luta para rearticular os próprios termos da legitimidade e da inteligibilidade simbólicas. (BUTLER, 2001, p.156).

As regras do jogo social são ensinadas e ratificadas nas dicas, nos conselhos, nas ordens e nos julgamentos. Sempre que alguém julga as particularidades de um sujeito através do comprimento de uma saia, no jeito que a mulher se senta ou dança, nas palavras ditas ou nas escolhas que ela faz, configura-se a reprodução das diretrizes por parte dos jogadores e jogadoras, que acabam reiterando as normas ao invés de desconstruí-las. Para que o caminho ultrapasse os limites estabelecidos pela *boa moça* e pela *mulher vulgar*, é preciso debater, como Ellora o faz. Somente na contestação e no compartilhar do conhecimento será possível edificar em conjunto a aceitação dos múltiplos caminhos e possibilidades do gênero feminino.

Considerações finais

A *boa moça* da década de 50 tinha características e deveres específicos. O recato, a forma de se vestir e de falar, suas companhias e a interação com os rapazes – tudo era controlado de maneira a não prejudicar a imagem que fora construída para a (e pela) sociedade. Caso ela se desviasse dessa imagem pré-concebida, seria julgada e condenada, tendo como punição a provável inviabilização daquele que deveria ser o seu principal propósito: o casamento. Isto é, se a moça se comportasse ou se mostrasse de um jeito vulgar, haveria interpretações que iriam fixá-la nessa posição, acarretando em consequências negativas. Atualmente, após transformações na compreensão do feminino, apontam-se novas possibilidades para a mulher. Todavia, essas mudanças não equivalem a uma anulação das imagens estabilizadas e que já estavam presentes no cotidiano da *boa moça* dos Anos Dourados. Na contemporaneidade, denominações

pejorativas como piriguite, fácil e vagabunda são algumas das demonstrações que evidenciam a influência que as diretrizes de fundo patriarcal continuam exercendo sobre o coletivo e sobre os sujeitos. Definir uma mulher como vulgar é afirmar que ela é inadequada e condenável, seja por conta de suas roupas, modo de falar, quantidade de álcool que ingere, na maneira como se expõe e se relaciona com os outros. O contrário dessa mulher seria aquela *boa moça* bem-educada, calada, intelectual e bem-sucedida até certo ponto, cheia de pudores e de comportamento discreto. Essa é a mulher que, supostamente, teria maiores chances de conseguir um relacionamento amoroso, ao ser classificada como uma “garota para namorar” e, futuramente, construir uma família.

Como se objetivou demonstrar no decorrer do artigo, a *boa moça* e a *mulher vulgar* são inscrições que se manifestam na sociedade e não pertencem a um contexto específico. Seus delineamentos sofrem alterações, alguns atributos passam a ser mais valorizados do que outros, ou ainda, é possível averiguar certo enfraquecimento da aplicação dessa normatividade no sujeito feminino. No entanto, as alcunhas continuam atuantes e o perigo da vulgaridade ainda é entendido como um aspecto condenável para a mulher. Nos Anos Dourados, a *boa moça* era orientada a preferir o espaço privado e almejar um destino que era definido pelo casamento e pela maternidade. Nas palavras de Bassanezi (2001: 613), “o código de moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas...”. Na Revista “O Cruzeiro” apontou-se nos recortes provenientes da seção “De mulher para mulher” a reiteração dos princípios que definiam a boa conduta, referindo-se à castidade, ao comportamento e ao relacionamento com o sexo oposto, expressando os preceitos do citado código de moralidade. Porém, mais de 50 anos depois, tem-se a publicação do vídeo de Ellora Haonne, que em sua problematização da palavra “vulgar” discorre a respeito de semelhantes definições da boa conduta.

Na década de 50, o corpo social exige da *boa moça* o recato, a doçura, o romance e a virgindade. Nas décadas seguintes, ela experimenta a efervescência das revoluções e mudanças sociais. Obtém a pílula, a expressão de sua sexualidade e constrói o feminismo. E assim, a moça chega ao novo milênio. Em teoria, tem-se a liberdade e a aceitação de como ela é – e como ela deseja ser. Contudo, em muitos momentos, tal liberdade e aceitação só são convenientes caso estejam associadas ao manual do bom comportamento, definido pela discricção da aparência e dos modos. Na prática, ainda se deseja que ela seja “seja sexy sem ser vulgar”. As expectativas quanto ao gênero feminino, conclui-se, estão baseadas na contrariedade: inocência x vulgaridade, doçura x agressividade, recato x desejo. E as moças caminham sob uma ponte de cordas: algumas seguem equilibrando-se, temerosas de romper a tênue linha que define o que elas devem ser e que as afasta da desaprovação social. Outras decidem cair no desconhecido, contestando a condenação e almejando descobrir o que está além das rígidas normas do “Manual da Boa Moça”.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASSANEZI, Carla. (2001). “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp. p. 607-639.

BOURDIEU, Pierre. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

DEL PRIORE, Mary. (2011) *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Planeta.

_____. (2013). *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta.

GROSSI, Miriam Pillar. (2012). *Identidade de gênero e sexualidade*. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf> Acesso em: 5 mar. 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. (2010). *Feminismo, História e Poder*. Revista de Sociologia e Política, vol.18. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624/20159>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. (2012). Sempre bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto. p. 105-125.

SCOTT, Joan. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol. 20. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

Recebido: 12.09.2017

Aceito: 30.05.2018